

QUESTÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA NO BRASIL: ENTREVISTA COM RAQUEL DOS SANTOS FUNARI¹



Entrevista realizada pela plataforma Google Meet, no dia 12 de maio de 2021.

Link: https://youtu.be/vgfl_XdIYG0

Revista Heródoto (Gilberto da Silva Francisco): Olá, meu nome é Gilberto da Silva Francisco, eu sou professor de História Antiga da Universidade Federal de São Paulo, a UNIFESP, e sou um dos editores da revista Heródoto, revista do grupo “Mundo clássico e suas conexões afro-asiáticas”. Hoje, a revista tem o grande prazer de receber a entrevistada Raquel dos Santos Funari. Ela é licenciada em História pela Faculdade de Filosofia de Belo Horizonte, tem mestrado e doutorado pela Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, pós-doutorado na Universidade Federal do Paraná, a UFPR, e ela vem atuando no pós-doutoramento no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade São Paulo (MAE-USP). Ela é líder de um grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ e organizadora do dossiê sobre Ensino de História deste número da revista Heródoto.

Raquel, gostaríamos de agradecer muitíssimo por sua contribuição para a revista Heródoto, e por sua disposição e disponibilidade para participar desta entrevista. Eu gostaria de colocar uma primeira questão: você

¹ Raquel dos Santos Funari é pós-doutoranda, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: raquelsfunari@uol.com.br; A equipe de alunos responsável pela transcrição e revisão desta entrevista foi composta por Ana Karolina Aparecida Alves da Silva, Beatriz Bernardo e Bianca Cristina Xavier. Os trabalhos de transcrição e revisão da entrevista foram coordenados pelo professor Gilberto da Silva Francisco.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 09-15.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13759

poderia falar um pouco sobre esse dossiê de ensino de História Antiga que a revista *Heródoto* vai publicar com o seu apoio?

Raquel dos Santos Funari: Agradeço muito os professores Gilberto e Glaydson pelo convite feito para que eu pudesse atuar na organização deste dossiê. Na verdade, o tema do Ensino de História tem muita relevância. É por meio do ensino que todos nós chegamos ao futuro cidadão. E, na verdade, quando nós estamos em sala de aula, em especial no ensino fundamental e no ensino médio, a maior parte dos nossos alunos não serão historiadores; assim, é muito importante a gente notar que, talvez, no ensino médio, seja o último momento que ele tenha acesso ao conhecimento de História.

Muitos dos meus alunos, por exemplo, chegam com lembranças do atual 6º ano, do atual 1º ano do ensino médio, e é este conhecimento que ele vai levar para o resto da vida deles quando eles atuarem em inúmeras outras profissões. Na sala de aula, nós não estamos formando historiadores. Nesse sentido, nós temos um papel muito importante de proporcionar o acesso ao conhecimento da História.

Considerando que a Antiguidade é muito distante no tempo e no espaço, o professor ou a professora pode atuar indicando o quanto ela é atrativa, o quanto ela nos diz sobre o nosso presente. Muitos de nossos alunos querem ser, desde o início, arqueólogos. Eles perguntam muito sobre isso, especialmente no atual 6º ano. Eles têm um encantamento pela Grécia, eles querem estudar os gregos, eles querem estudar os romanos, eles querem entender de que maneira essas culturas chegaram ao Brasil. Então, acho que é um momento em que nós, professores, que estamos em sala de aula, precisamos trabalhar com eles e mostrar essas relações da modernidade com esses povos da Antiguidade, e o que nós temos e devemos a eles no campo da linguagem e em outras questões.

Assim, é isso que está na origem do dossiê, que congrega pesquisas de ponta no Brasil e no exterior, com destaque para temas pouco conhecidos como a História Antiga na Grécia atual ou no subcontinente indiano. Então, essa foi uma vitória muito grande para nós. Quando nós enviamos os convites para alguns pesquisadores, tivemos respostas muito positivas, o que mostra que o assunto, o Ensino de História, tem uma relevância muito grande hoje no Brasil, nas salas de aula, nas universidades públicas e privadas. Essa é uma conquista muito grande e o dossiê vem contribuir com isso.

Revista Heródoto: Raquel, você falou um pouco sobre esse cenário do Ensino de História nos primeiros anos antes da universidade e um pouco sobre o dossiê deste número da Revista *Heródoto*. Eu gostaria de saber

sobre a sua experiência como pesquisadora: como o Ensino de História e a História Antiga, nesse contexto, aparece para você? E, além disso, você poderia falar um pouco desse universo que você, de certa forma, abraçou no Ensino de História?

Funari: Então, foi uma experiência muito interessante. Vocês podem perceber pelo meu sotaque que eu não sou paulistana, paulista. Eu sou de Belo Horizonte e estou em São Paulo há trinta e dois anos. Logo que eu comecei a dar aulas, eu percebia um interesse muito grande dos alunos pelo Egito antigo – pelo mundo antigo em geral, mas, principalmente pelo Egito –, que foi para onde eu levei a minha pesquisa e fiquei bastante interessada pelo processo que levava esses alunos a esse interesse, de onde eles estavam trazendo informações sobre o Egito, e comecei uma pesquisa que deu origem ao meu mestrado muito tempo depois. Muitos dos alunos traziam informações da Bíblia porque ela, hoje, está disponível em grande número e de maneira gratuita. Então, eles tinham, ali, acesso a essa informação; outros conheciam informações de histórias em quadrinhos. Outros traziam informações que os pais comentavam.

Eu comecei a fazer pesquisas e buscar essas informações, verificar de que maneira seria interessante trabalhar com esses alunos. Então, foi assim que eu me envolvi com o Ensino de História. Eu acho que nós, professores, de alguma maneira, estamos envolvidos com esse tema desde a preparação de nossas aulas, e a gente não se dá conta disso. Desde cedo, isso sempre me deixou muito impressionada.

Os alunos ficavam muito impressionados com a história dos hebreus, com a escravidão (se houve mesmo a escravidão dos hebreus no Egito), com os faraós, com o que fizeram. Então, comecei a trabalhar com essas questões e acredito que a Antiguidade fascina a todos. Nós, que somos professores de História, quando falamos que estamos estudando algum tema da Antiguidade, lidamos com muitas pessoas que acham que somos enciclopédicos, e a gente precisa mostrar que não somos isso; que, na verdade, somos pesquisadores e estudiosos do tema.

Então, eu acabei me inserindo no Ensino de História de diversas maneiras. Quando vim para São Paulo, já fui convidada para escrever em uma coleção sobre os cinquenta anos do jornal *O Estado de São Paulo*. Ali e na *Folha de São Paulo* – trabalhei ao mesmo tempo para os dois – e recebi muitos pedidos relacionados à História Antiga. Era interessante quando a gente escrevia sobre o processo de mumificação, tínhamos uma resposta muito grande dos alunos, de cartas – era a época que ainda recebíamos cartas dos editores, do editorial –; escrevi livros didáticos, paradidáticos que tratam de História Antiga: “*O Egito e os faraós sacerdotes*” foi um dos meus primeiros. Acabei trabalhando na proposta curricular do Estado de

***Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 09-15.**

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13759

São Paulo, junto com o professor Glaydson, e fiquei com a parte de História Antiga.

Minhas pesquisas de mestrado e doutorado foram sobre a Antiguidade e sua relação com o ensino, o que acho que é um diferencial. Isto porque, normalmente, os pesquisadores que eu conheci eram especialistas em temas determinados (especialistas em ânforas, especialistas em moedas por exemplo). Eu busquei desmistificar algumas noções, dizer que a História não é uma sequência de datas, uma sequência de dinastias, mas, sim, uma disciplina que traz o aluno para dentro do tema, propondo a eles a organização de dicionários temáticos ilustrados, histórias em quadrinho, postais etc.

Hoje, nós temos a possibilidade de trabalhar com esses alunos utilizando até *posts* na *internet*. Por exemplo, pedi para meus alunos criarem *posts* sobre o apotropaico, um tema que estou trabalhando com alunos do sexto e sétimo ano. O objetivo é entender o significado da relação desse tema com os amuletos. E percebi que isso poderia ser diferente, era uma atividade acadêmica e em sala de aula, tudo isso me levou a trabalhar a História Antiga, obviamente, mostrando para eles que o mundo contemporâneo tem relação com esse passado. Que vivemos o presente e é muito importante nós mostrarmos para os nossos alunos que não vivemos o futuro, que ele será daqui a pouco. A História Antiga nos dá essa possibilidade de refletir sobre o que está acontecendo e qual conhecimento esse aluno já obtém.

Revista Heródoto: Relacionado ainda à sua pesquisa sobre o Ensino de História, na sua tese de doutorado, você associou a História Antiga e a linguagem do cinema. Você poderia falar um pouco da sua tese *Reflexões acerca da subjetivação do Antigo Egito na sala de aula, a partir do filme 'O príncipe do Egito'*, que foi defendida em 2008?

Funari: Foi um tema bastante interessante. Quando comecei a trabalhar com o filme em 2008 ele já tinha dez anos (ele é de 1998). Eu não tinha ideia o quanto o diretor direciona o olhar do espectador. Então, quando a gente assiste a um filme, tem toda uma equipe por trás que direciona esse olhar, mas, por outro lado, as questões culturais nos levam a buscar outras informações e sentimentos.

O filme é uma aventura épica, que levou quatro anos para ser feita. Na época, não tínhamos essa tecnologia toda que temos hoje. Um dos diretores é o Spielberg, que apresenta a caracterização da história de Moisés, um personagem bíblico: sua história desde o nascimento até a libertação de seu povo para a terra prometida. Para os diretores, é a história dramática de dois irmãos, cujo futuro estava destinado a entrar em choque.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 09-15.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13759

Eu atuei em três escolas trabalhando com a questão do olhar feminino e masculino, com a perspectiva de gênero. Tratava-se de uma escola pública em Belo Horizonte e duas particulares aqui em São Paulo: a Escola Municipal Francisco Magalhães, em Belo Horizonte, o Colégio Iavne, que é uma escola judaico-ortodoxa aqui em São Paulo, e o colégio Santo Américo.

Foi muito interessante! Em relação, por exemplo, às pragas do Egito, os alunos da escola municipal demonstravam coisas que não apareciam no filme. Eu trabalhei muito com desenhos e um elemento que apareceu na representação das pragas, em desenhos detalhadíssimas, eram baratas muito bem desenhadas, com as patinhas e detalhes da cor. Fui à escola fazer uma visita e falei: “mas não tem barata no filme, onde vocês viram essas baratas?”, e eles diziam: “professora, na minha casa, as pragas são as baratas. Na minha casa, os esgotos próximos trazem esses animais. A leitura que eu fiz das pragas é muito diferente do que a que Moisés fez”. Então isso me levou à questão das subjetividades. Por exemplo, os alunos da escola judaica sabiam todos os nomes e desenhavam Moisés fazendo a travessia do mar vermelho com quipá. E eu falei para eles: “mas não tinha quipá no filme”; e eles: “professora, sem quipá, não tem identidade do nosso povo”. E estou falando de alunos de dez, onze anos.

De alguma forma, o filme mostrou que essa leitura que o diretor quer passar ao guiar o olhar do espectador não é tudo. Na verdade, quando a gente vê a cena de um filme, quando a gente chora ou ri, quando esse aluno se percebe no filme, ele mostra um pouco da sua própria identidade. Então, foi possível também fazer uma leitura desse contexto social do aluno, das questões sobre religião e de moradia.

O filme tratou da questão de Moisés, da questão do primogênito também, e muitos deles ficaram muito apavorados com o “se” (que a gente fala que não tem “se” em história); “Se fosse eu naquela época? Iria morrer?”. Então, muitos deles ficavam bastante movidos emocionalmente. O filme nos dá essa possibilidade de trabalho com os alunos e foi muito gratificante trabalhar esse tema no meu mestrado, fazendo, primeiro, um perfil do que chamava mais a atenção deles, e no doutorado fazer o trabalho com os alunos.

Revista Heródoto: Raquel, você poderia falar um pouco da experiência relacionada à sua pesquisa de pós-doutoramento no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP) sobre amuletos egípcios?

Funari: Bem, um tema que também me chamou bastante atenção são os amuletos. Meus alunos sempre gostaram muito do olho de Hórus, o “olho que tudo vê”, dos escaravelhos, e eles têm algumas leituras sobre os usos

deles. Então, eu organizei um projeto, que foi, felizmente, aceito no Museu de Arqueologia e Etnologia, onde realizo uma pesquisa supervisionada pelo professor Vagner Porto. E nós, em meio a pandemia, estamos trabalhando via *Google Meet* a aplicação de um questionário. Há uma recepção muito grande, e é muito interessante trabalhar com questões sócio-emocionais que os amuletos podem ocasionar.

O que se buscava com esses amuletos? Ter uma vida eterna, a felicidade e a saúde. Então, eu fiz a transposição para hoje; e, nesse momento que estamos vivendo, fala-se muito de coisas tais como: “não posso ir à escola”, “ não posso vivenciar situações que eu vivia há algum tempo e durante algum tempo vou viver isso ainda de alguma forma”. As máscaras não vieram para ficar por quarenta dias como a gente pensava, mas por um período muito maior, porque o vírus está aí e estamos passando por muitas questões e temos uma questão política, social e cultural maior por trás.

Mas, foi muito interessante ter uma resposta dos alunos do quanto eles ficam bem sabendo que um amuleto pode trazer felicidade, pode trazer bem-estar; e, então, eles começam a me mostrar: “Ah, eu tenho um amuleto. Quando eu era pequeno, minha mãe me deu uma medalha que me dá sorte”, e, “ eu tenho uma boneca que, toda vez que eu estou triste, eu a abraço e me sinto bem”. Então, a gente começou a fazer esse trabalho com alunos do 6º ano e do 7º ano e foi muito interessante, já que, inesperadamente, começaram a aparecer outros amuletos, não só do Egito, mas moedas, elefantinhos, de outros povos e de outras culturas.

A proposta é fazer um trabalho também com escolas públicas. Eu já atuo em uma escola de Belo Horizonte e duas aqui em São Paulo, para mostrar para os alunos o quanto eles conhecem esses amuletos. Acho que o olho de Hórus está aí nos vigiando muito mais do que a gente imagina, porque eles têm essa concepção desses amuletos, e está sendo muito interessante essa proposta que nós estamos realizando.

Eu tenho tido todo o apoio do MAE-USP. Em tempos de pandemia, é difícil ter o acesso a algumas coisas, mas está sendo muito positivo. Eu acho que é muito mais do que eu esperava: mais uma vez, a Antiguidade nas salas de aula nos mostrando que ela é muito mais presente do que nós podemos imaginar.

Revista Heródoto: Por fim, Raquel, eu gostaria de perguntar sobre uma publicação que você organizou recentemente, em 2020: “*As veias negras do Mundo Antigo: a África e o Mediterrâneo Antigo, a relevância negra revisitada*”, sobre um tema que vem aparecendo bastante aqui no Brasil, a partir de uma perspectiva afrocentrada da História Antiga. Você poderia apresentar para a gente essa publicação?

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 09-15.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13759

Funari: Essa é uma publicação que saiu pela “Novas Edições Acadêmicas”, que foi organizada por mim, pelo professor Cláudio Carlan e pelo professor Filipe Silva. Ela apresenta contribuições de pesquisadores de vários países: Brasil, Portugal, Espanha (o professor José Remesal Rodríguez escreve nessa coleção). Trata-se de uma publicação composta por mulheres e homens que têm um olhar para questões sobre a África, e eu acho que tem sido muito importante o trabalho que tem sido feito em algumas redes sociais e estão chegando nas salas de aula.

A África não é um país, a África é um continente. Então, eu fiz um trabalho com os alunos no ano passado (2020), que foi muito importante para reunir subsídios para discutir esse tema. Porque, existe uma mídia muito forte, que apresentou, por muito tempo, a África como um todo e a gente precisa muito discutir isso.

Eu acredito que faltava ao público brasileiro discutir um pouco mais esse tema, mostrando a centralidade da África para o estudo da Antiguidade, o que é muito importante e dizer o quanto o Brasil deve ao continente africano, o que é evidente. Mas nem todos sabem da importância da África para a História Antiga; então, eu acho que é muito importante que tenhamos a possibilidade de mostrar este tema, de mostrar o quanto a África está presente no mundo antigo – os limites do mar Mediterrâneo são ligados à Grécia e ao Império Romano; o Egito, que está e estava na África, e o Mediterrâneo que tem uma face norte, a Europa, e a outra sul, a africana.

Então, o volume responde a essa preocupação e esperamos ter contribuído do nosso modo, como estudiosos do tema. E que esse tema chegue a outros grupos, para que haja uma discussão. Diz um ditado africano: “Eu sou o que nós somos”; então, eu acho, que a gente precisa discutir bastante isso e mostrar tantos ditados importantes. A gente não pode mais contar a história só do ponto de vista do caçador, a gente tem que mostrar outros pontos de vista. E, eu acho que isso é uma forma de ampliar nossos estudos. Eu agradeço muito a possibilidade de poder divulgar entre vocês o nosso livro.

Revista Heródoto: Raquel, muitíssimo obrigado pela entrevista e por ter comentado esses temas que são tão relevantes. E, para quem nos ouve aqui ou para quem está lendo a entrevista, nós os convidamos a percorrer os outros artigos da revista, sobretudo o do dossiê que têm uma importância enorme para discutirmos a História Antiga no Brasil, a partir dessa perspectiva do ensino.

Funari: Eu que agradeço! Reforço o convite, não perca o nosso dossiê, com certeza você irá se surpreender com nossos colaboradores. Obrigada.